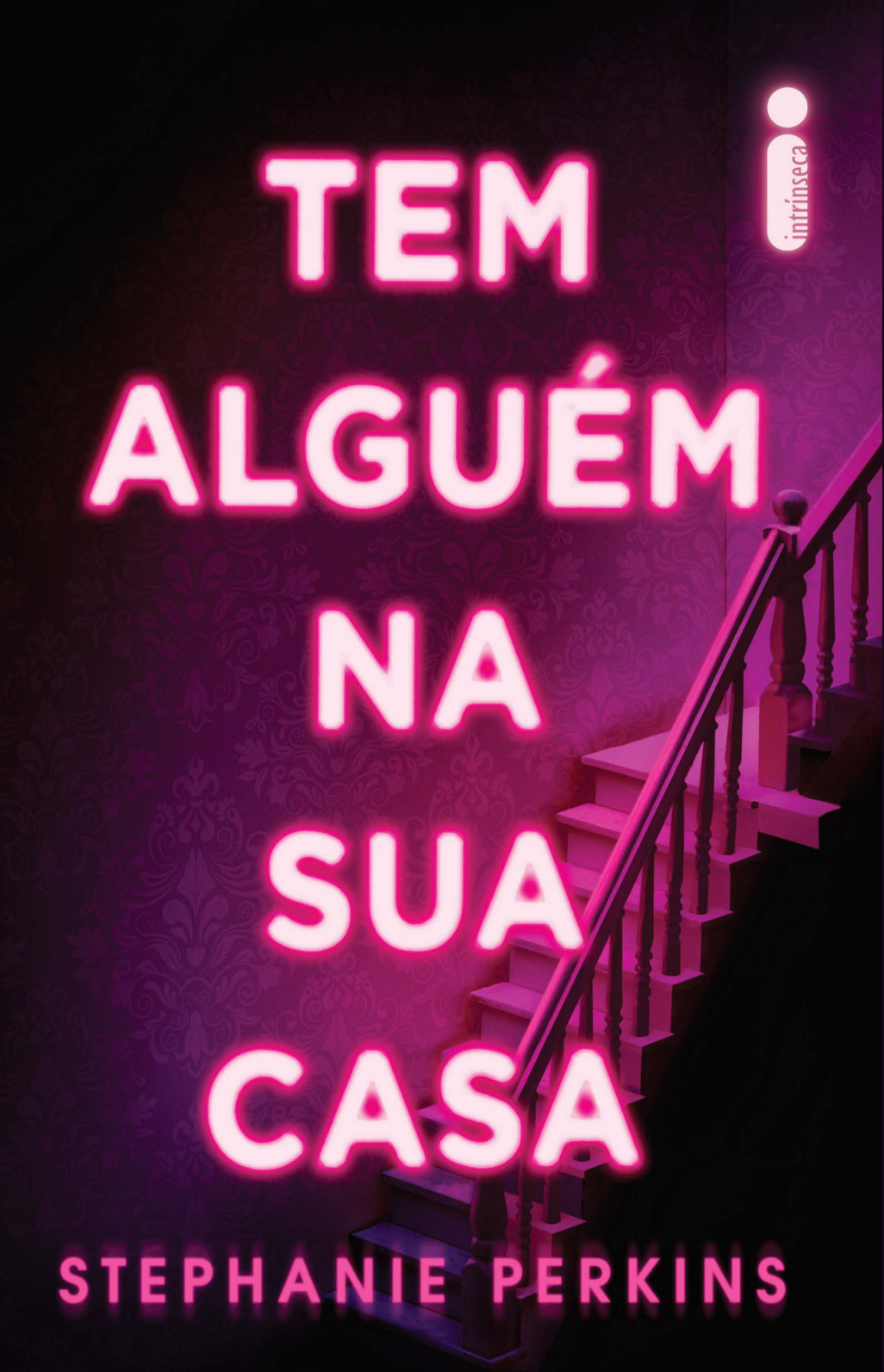
STEPHANIE PERKINS

intrínseca

TEM ALGUÉM NA SUA CASA


TEM ALGUÉM NA SUA CASA
intrínseca
STEPHANIE PERKINS

TEM ALGUÉM NA SUA CASA

STEPHANIE PERKINS

TEM ALGUÉM NA SUA CASA

TRADUÇÃO DE ANA RODRIGUES

Copyright © 2017 by Stephanie Perkins

Todos os direitos reservados, incluindo a reprodução total ou parcial de qualquer parte, em qualquer meio.

TÍTULO ORIGINAL
There's Someone Inside Your House

EDIÇÃO
Júlia Ribeiro

PREPARAÇÃO
Rayana Faria
Clara Alves

REVISÃO
Ulisses Teixeira

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design
Lindsey Andrews

IMAGEM DE CAPA
Sean Freeman © 2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P526t

Perkins, Stephanie
Tem alguém na sua casa / Stephanie Perkins ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
320 p. ; 21 cm.

Tradução de: There's someone inside your house
ISBN 978-65-5560-340-8

1. Ficção americana. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

21-72590

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

O timer em formato de ovo estava no capacho da entrada quando ela chegou em casa.

Haley Whitehall olhou por cima do ombro, como se esperasse ver alguém atrás dela. Ao longe, uma colheitadeira vermelha deslizava pelos milharais pálidos. Seu pai. Época de colheita. A mãe ainda estava no trabalho — era técnica em saúde bucal na única clínica da cidade. Qual deles teria deixado o timer ali? As tábuas em péssimo estado da varanda vergaram e estalaram sob o peso de Haley quando ela se abaixou para pegar o objeto, que retiniu em sua mão. Era um dia frio, mas a casca de ovo de plástico estava quente. Só um pouquinho.

O celular dela tocou. Era Brooke, claro.

— Como vão as coisas com o sangue? — perguntou Haley.

A melhor amiga gemeu.

— Um pesadelo.

Haley entrou em casa, e a porta de tela bateu quando ela passou.

— Alguma chance de que isso signifique que a sra. Colfax vai deixar pra lá?

Ela foi direto para a cozinha, arrastando a mochila pelo piso xadrez preto e branco. *Comida*. O ensaio daquela tarde tinha sido particularmente cansativo.

— Nunca. — Brooke bufou. — Ela nunca vai desistir. Quem precisa de bom senso quando se tem ambição?

Haley colocou o timer na bancada — seu lugar original — e abriu a geladeira.

— Em geral, eu defenderia a ambição. Mas... a verdade é que não estou nem um pouco ansiosa para ser afogada em xarope de milho.

— Se eu tivesse dinheiro, eu mesma pagaria um profissional. Limpar o auditório vai ser um inferno, mesmo com todas as lonas e os plásticos de proteção.

A maior parte das produções de *Sweeney Todd* usava pelo menos um pouco de sangue falso — lâminas com pequenos reservatórios escondidos, cápsulas de gel na boca, roupas limpas que escondiam outras iguais por baixo, só que manchadas de sangue. Outras lesões poderiam ser sugeridas por cortinas, luzes de cor vermelha ou um crescendo frenético de violinos.

Infelizmente, a diretora musical da escola onde elas cursavam o ensino médio, a sra. Colfax, tinha um entusiasmo inesgotável pelo drama em todos os sentidos. Na produção de *Peter Pan* do ano anterior, ela havia alugado em Nova York equipamentos que mantinham os atores no ar, o que acabara rendendo ossos quebrados tanto a Wendy quanto a Michael Darling. Agora, a sra. Colfax não queria apenas que o barbeiro demoníaco cortasse o pescoço de seus clientes. Ela queria banhar quem estivesse nas primeiras três fileiras com o sangue deles. A diretora musical se referia a essa parte do auditório como o "cinturão dos respingos".

Brooke era a diretora de cena. Uma honra, é claro, mas o cargo vinha com a impossível tarefa de tentar guiar a sra. Colfax na direção da sanidade.

E as coisas não estavam indo muito bem.

Haley prendeu o celular com o ombro para encher os braços de embalagens de peito de peru e provolone fatiados, um saco de alface pré-lavada e um pote de maionese.

— Shayna deve estar arrancando os cabelos.

— Shayna *está* arrancando os cabelos — disse Brooke.

Shayna era a figurinista temperamental — e de humor muito inconstante — da peça. Já era bem difícil encontrar figurinos decentes no interior do Nebraska, com orçamento zero, mas agora ela precisaria acrescentar removedores de manchas de "sangue" à sua lista de problemas.

— Pobre Shayna. — Haley colocou os ingredientes na bancada. Então pegou uma fatia do pão que estava mais próximo, integral com algum tipo de erva, feito pela mãe na noite anterior. A mãe de Haley cozinhava para relaxar. Ela usava uma máquina de fazer pão, mas ainda assim… era legal.

— Pobre *Brooke* — corrigiu Brooke.

— Pobre Brooke — concordou Haley.

— E como Jonathan foi hoje? Melhor?

Haley hesitou.

— Você não o ouviu?

— Eu estava fazendo testes com respingos de sangue no estacionamento.

Haley fazia o papel da sra. Lovett, e o namorado de Shayna, Jonathan, o de Sweeney. Ou seja, os dois eram os protagonistas. Ainda que estivesse no penúltimo ano, Haley vinha conseguindo os papéis principais nas produções teatrais e os solos do coral da escola havia dois anos. Tanto como atriz quanto como uma poderosa contralto, ela simplesmente era *melhor* do que os colegas. Um talento nato. Impossível não notar.

Jonathan era… acima da média. E era carismático, o que ajudava em sua presença de palco. No entanto, aquele musical estava muito além da capacidade dele. O garoto vinha tendo problemas havia semanas com "Epiphany", a canção solo mais desafiadora do papel. Suas transições tinham a suavidade de alguém tropeçando em uma cobra venenosa dentro de um galpão de ferramentas, mas mesmo isso não era nada se comparado ao modo como ele vinha massacrando os duetos com Haley.

Brooke pareceu notar a relutância da amiga em falar mal de Jonathan.

— Ah, para. Se você não falar nada, só vai me deixar culpada por fofocar sobre os outros.

— É só que… — Haley passou uma camada da maionese gosmenta no pão e jogou a faca suja dentro da pia. Lavaria depois. — Passamos o ensaio *inteiro* em "A Little Priest". E nem conseguimos chegar ao final da música! Ficamos repetindo os mesmos compassos sem parar. Por *duas* horas.

— Nossa…

— Sabe aquela parte em que cantamos versos diferentes ao mesmo tempo? E nossas vozes deveriam meio que se sobrepor por pura empolgação?

— Quando Sweeney finalmente descobre que a sra. Lovett quer usar a carne das vítimas dele nas tortas que ela faz? — A voz de Brooke deixava transparecer um sorriso malicioso.

— Foi um desastre. — Haley levou o prato com o sanduíche para a sala, mas não se sentou. Ficou andando de um lado para outro. — Acho que Jonathan não vai dar conta do papel. Na minha opinião, o cérebro dele *não é capaz disso*. Jonathan consegue cantar em uníssono, consegue cantar afinado…

— Mais ou menos.

— Mais ou menos — concordou Haley. — Mas e quando a outra pessoa está cantando palavras diferentes? Ele para e recomeça o tempo todo. Como se estivesse tendo um AVC.

Brooke riu.

— Foi por isso que saí mais cedo — disse Hailey. — Me senti uma monstra, mas, pelo amor de Deus, não aguentava mais.

— Ninguém jamais chamaria você de monstra.

Haley engoliu um grande pedaço de peito de peru. Era um desafio de equilíbrio — manter o celular no ombro, segurar o prato, comer o sanduíche e andar de um lado para outro —, mas ela nem se deu conta do que fazia. Estava preocupada.

— Jonathan chamaria.

— Jonathan não deveria ter ficado com o papel.

— Acha que eu deveria ligar para ele e me desculpar?

— Não. *Não*. Por quê?

— Por ter perdido a paciência com ele.

— Não é culpa sua ele não conseguir dar conta de uma música de Sondheim.

Era verdade, mas Haley ainda se sentia envergonhada por estar tão frustrada. Por ter saído mais cedo do ensaio. Ela se jogou no velho sofá de veludo cotelê, uma das muitas relíquias da época em que a casa da fazenda pertencia aos seus avós, e suspirou. Brooke disse mais alguma coisa solidária, como manda o manual de melhor amiga, mas o telefone de Haley escolheu aquele momento para dar o mesmo problema de sempre.

— O que você falou? O sinal está falhando.

— Então me ligue do fixo.

Haley olhou para o telefone sem fio encarapitado em uma mesa de canto, a menos de um metro de distância. Muito trabalho.

— Agora melhorou — mentiu.

Brooke voltou a falar sobre as agruras que estava vivendo como diretora de palco, e Haley se permitiu um momento de distração. De qualquer forma, só conseguia ouvir um terço do desabafo da amiga. O resto era estática.

Ela ficou olhando pela janela enquanto terminava o sanduíche. O sol estava baixo no horizonte. E cintilava nos pés de milho, fazendo com que os caules rígidos parecessem macios e flexíveis. O pai dela ainda estava lá fora, em algum lugar. Naquela época do ano, ele não desperdiçava um único raio de sol. O mundo parecia abandonado. Era o oposto do grupo de pessoas colorido, entusiasmado e barulhento que ela deixara para trás, na escola. Deveria ter ficado lá. Odiava a atmosfera de isolamento silencioso da casa. Era cansativo de um jeito muito particular.

Haley fez sons de compreensão ao telefone — embora não tivesse ideia de *com o quê* estava se solidarizando — e se levantou. Levou o prato de volta para a cozinha, limpou as migalhas e colocou-o no lava-louças.

A única coisa dentro do aparelho era uma faca suja de manteiga.

Haley olhou para a pia, que estava vazia. Franziu o cenho. Então enfiou o prato na lavadora e balançou a cabeça.

— Mesmo se *conseguirmos* fazer o sangue esguichar — disse Brooke, a ligação subitamente sem ruídos —, não tenho certeza de que um número suficiente de pessoas vai *querer* se sentar nas três primeiras fileiras. Afinal, quem vai ao teatro para ter que usar um poncho e ficar encharcado de sangue?

Haley sentiu que a amiga precisava ouvir algo que a tranquilizasse.

— Vai ser no fim de semana do Halloween. As pessoas vão acabar indo. Vão achar divertido.

Ela deu um passo na direção da escada — estava indo para o quarto — e o tênis esbarrou em um objeto pequeno e duro, que foi arremessado pelo piso de cerâmica, girando, se sacudindo e retinindo até bater na despensa.

Era o timer em formato de ovo.

O coração de Haley parou. Só por um instante.

Um arrepio desconfortável percorreu seu corpo enquanto ela seguia na direção da despensa, cuja porta o pai ou a mãe havia deixado entreaberta. Ela a empurrou com a ponta dos dedos e pegou o timer bem devagar. Como se o objeto fosse pesado. Jurava que o tinha colocado na bancada, mas provavelmente deixara no chão, junto com a mochila.

— … ainda está aí?

A voz mal alcançava os ouvidos de Haley.

— O quê?

— Perguntei se você ainda estava aí.

— Desculpe — disse Haley. E encarou o timer. — Devo estar mais cansada do que imaginei. Acho que vou dar uma deitada até a minha mãe chegar.

Elas desligaram, e Haley enfiou o celular no bolso da frente da calça jeans. Colocou o timer de volta na bancada. Era um objeto liso e branco. Inofensivo. Ela não conseguia entender exatamente *por quê*, mas aquela maldita coisa estava fazendo com que se sentisse agoniada.

Subiu correndo as escadas e se jogou direto na cama, esgotada, arrancando os tênis do pé sem nem desamarrá-los. Sentiu o celular no quadril. Tirou-o do bolso e o colocou na mesinha de cabeceira. O sol entrava pela janela em um ângulo perfeito e irritante, bem nos seus olhos. Ela se encolheu e rolou para o outro lado.

E adormeceu na mesma hora.

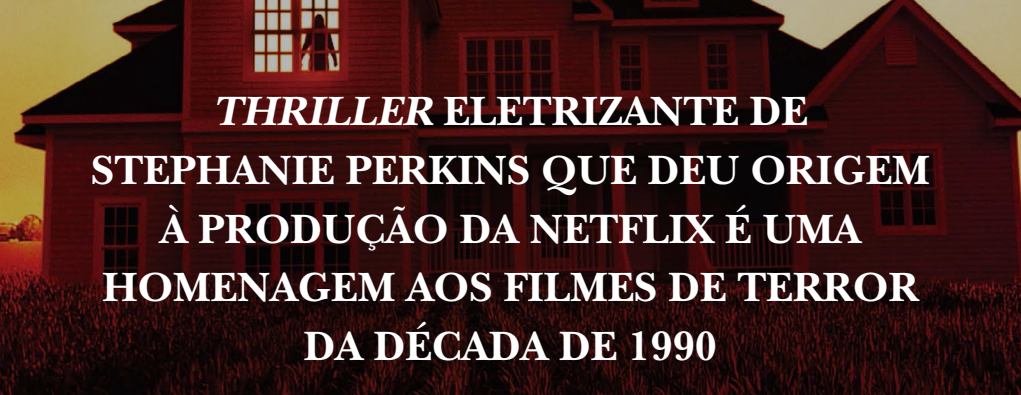
Haley acordou assustada. O coração disparado, a casa escura.

Expirou devagar, deixando que o ar viesse do fundo do diafragma para se livrar da tensão. E foi então que seu cérebro processou o barulho. O barulho que a acordara.

O som do alarme.

O sangue de Haley gelou. Ela rolou na cama e ficou de frente para a mesinha de cabeceira. O celular não estava mais ali e, no lugar dele, bem no nível de seus olhos, estava o timer em formato de ovo.

Que disparou.



THRILLER ELETRIZANTE DE STEPHANIE PERKINS QUE DEU ORIGEM À PRODUÇÃO DA NETFLIX É UMA HOMENAGEM AOS FILMES DE TERROR DA DÉCADA DE 1990

A cidadezinha de Osborne, no interior do Nebraska, amanhece com duas notícias igualmente chocantes para seus moradores: a primeira é que Ollie Larsson, "garoto-problema" da escola, pintou o cabelo de rosa. A outra? O assassinato brutal da jovem Haley Whitehall. E logo fica evidente que a morte dela não será a última, porque um assassino está à solta, e ninguém está a salvo.

Makani Young sabe bem disso. Morando há quase um ano com a avó, a jovem está se adaptando ao novo lar, mas ainda é atormentada por seu passado no Havaí. E, conforme os alunos de sua escola começam a ser assassinados de forma cada vez mais perturbadora, ela se dá conta de que sua hora talvez esteja mais próxima do que imagina.

Sem escapatória, Makani se lança em uma busca arriscada e alucinante pelo autor dos crimes, enquanto é forçada a encarar sentimentos inesperados e seus segredos mais sombrios. Unindo romance e mortes sangrentas em uma trama ágil, ácida e repleta de reviravoltas, *Tem alguém na sua casa* é uma homenagem a filmes como *Pânico* e *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado* e deu origem ao aguardado filme da Netflix de mesmo nome.

SAIBA MAIS EM:

https://www.intrinseca.com.br/livro/1105/